

**ACERVO DOCUMENTAL E ICONOGRÁFICO DO
ENGENHEIRO-ARQUITETO TAKEJI FUJIOKA**

Paulo Yassuhide Fujioka

PFUJIOKA@sc.usp.br

**ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Título do trabalho

Acervo Documental e Iconográfico do Engenheiro-Arquiteto Takeji Fujioka

Resumo do trabalho

O objetivo deste trabalho é apresentar o estado atual do levantamento do arquivo documental e iconográfico do Engenheiro-Arquiteto Takeji Fujioka (1898-1972) que atuou como engenheiro civil e arquiteto no Japão e no Brasil. Este levantamento foi iniciado como parte da pesquisa de Doutorado deste autor. Formado no Japão, foi um dos pioneiros da colônia de imigração japonesa a exercer a profissão de engenheiro civil, no período 1935-1959, nas regiões de Marília, Cotia e São Paulo. Como especialista em concreto armado, teve atuação destacada no projeto e construção de galpões e outros edifícios da Cooperativa Agrícola de Cotia.

Este acervo consiste na coleção de livros, gravuras e postais editados no Japão dos anos 1920-30, pertencentes à biblioteca técnica de Takeji Fujioka; desenhos técnicos e documentação fotográfica de obras construídas pelo Eng. Fujioka no Japão e no Brasil, além de fotos mostrando o cotidiano em canteiro de obras da Cooperativa Agrícola de Cotia; e ainda uma coleção de catálogos originais e instrumentos de desenho e engenharia fabricados no Japão ainda na década de 1930.

Palavras-chave

Memória – Imigração Japonesa em São Paulo

O objetivo deste trabalho é apresentar o resultado preliminar da pesquisa em andamento, pelo autor, do acervo documental e iconográfico histórico, de arquitetura e urbanismo, do Eng.-Arqto. Takeji Fujioka (1898-1972), que imigrou com sua família para o Brasil em 1925. Este levantamento foi iniciado como parte da pesquisa de Pós-Graduação. T. Fujioka foi um dos pioneiros da colônia de imigração japonesa a exercer a profissão de engenheiro civil, nas regiões de Marília, Cotia e São Paulo. Destacou-se no projeto e construção de edifícios da CAC-Cooperativa Agrícola de Cotia.



Eng.-Arqto. Takeji Fujioka por volta de 1920 (acervo Takeji / Toshiyasu Fujioka).

O acervo consiste em livros, gravuras e postais editados no Japão dos anos 1920-30, pertencentes à biblioteca técnica de Takeji Fujioka, desenhos técnicos e documentação fotográfica de obras construídas no Japão e no Brasil, além de fotos mostrando o cotidiano em canteiros de obras da CAC; e ainda uma rara coleção de catálogos e instrumentos de engenharia fabricados no Japão ainda na década de 1930. O acervo foi bem preservado pelo seu filho, Dr. Toshiyasu Fujioka (1923-2001).

Esta documentação, somada aos acervos de outros profissionais nikkeys (descendentes de japoneses), que ainda estão para ser levantados, testemunha a presença e a contribuição do imigrante japonês na engenharia e na arquitetura do Estado de São Paulo no século XX.

O acervo iconográfico constitui também uma coleção de documentos históricos de relevo, na medida em que permite divisar o ambiente cultural da arquitetura, design e engenharia no Japão no pré-guerra, quando as manifestações das vanguardas européia e americana já começavam a repercutir em países tão distantes como Brasil e Japão.

E também forma um interessante registro da paisagem urbana japonesa (com ênfase em Tokyo) do período entreguerras – levando-se em conta que grande parte da memória das grandes cidades japonesas do período desapareceu, devido ao terremoto de Kanto, um dos maiores já registrados (1923) e aos bombardeios da guerra (1941-45).

Em relação à memória do Eng. Takeji Fujioka e sua carreira, consideramos que o resgate da memória de sua obra abre um importante e ainda mal conhecido capítulo da História da Colonização Japonesa no Brasil, passada a comemoração do centenário da Imigração Japonesa no País.

A carreira de Takeji Fujioka no contexto da imigração japonesa

Não há referências bibliográficas sobre a vida e a carreira do Eng. Takeji Fujioka, a não ser o depoimento autobiográfico incabado de seu filho Toshiyasu Fujioka (1923-2001), escrito em 2000. Os colaboradores mais próximos, os engenheiros Iwao Hirata e Kiyohara, já faleceram. Mesmo em relação ao depoimento de Toshiyasu Fujioka, alguns dados são imprecisos.

Takeji Fujioka formou-se em engenharia civil em Kyoto, com especialização em cálculo de concreto armado. Trabalhou para a Takenaka Komuten em Osaka, onde foi colaborador no projeto e na obra do ramal de Osaka da Estrada de Ferro Hanshin. A Takenaka Komuten é a mais antiga e tradicional construtora japonesa, tendo sido fundada em 1889 (embora a família Takenaka tenha iniciado suas atividades na construção civil no século XVI – ainda hoje é a maior empreiteira do Japão, com filiais em vários países). Após o terremoto de Kanto, juntou-se a um grupo de amigos para tentar a sorte no Brasil, aonde chegaram em 1925.

O Eng. Fujioka não era arquiteto, mas recebeu noções gerais de projeto de arquitetura no aprendizado de engenharia, dentro da tradição estilística da Beaux-Arts. A opção pela especialização, no início do século XX, num campo ainda considerado “experimental” como o concreto armado, mostra um espírito livre das amarras da tradição e atento às novidades tecnológicas que surgiam com a Revolução Industrial.

Assim sendo, Takeji Fujioka possivelmente deve ter acompanhado com interesse toda a polêmica que envolveu a construção do Hotel Imperial (1912-22), projetado por Frank Lloyd Wright, que supervisionou o canteiro de obras por quase dez anos. Além do ineditismo de linguagem e materiais, contava com a solução inédita e revolucionária das fundações flutuantes de concreto armado. O impacto do projeto arquitetônico e da solução estrutural do hotel despertou a atenção dos profissionais da construção no Japão para a obra de Wright no período 1916-23. A edição da revista técnica de engenharia e arquitetura *Kenchiku sekai* de Fevereiro de 1917 trazia a obra de Wright e uma entrevista com ele. Pouco depois, a prestigiada revista de arquitetura *Kenchiku gaho* vol. 8, Novembro 1917 também publicou a obra de FLLW, com grande repercussão ¹.

Se Takeji Fujioka era um engenheiro tão atento à inovação tecnológica, a ponto de ter escolhido uma especialização não-tradicional como o concreto armado, seria pouco possível não ter folheado as edições destas revistas e ter tomado contato com a obra do arquiteto mais comentado no Japão naquela época – e que justamente se destacava por ser um pioneiro do uso do concreto armado na arquitetura.

Para entendermos a trajetória de Takeji Fujioka no Brasil, é necessário retomarmos as origens e a evolução dos imigrantes japoneses e seus descendentes no País. A imigração japonesa no Brasil iniciou-se com a chegada da primeira leva de 800 imigrantes japoneses (167 famílias) em 1908. Desembarcaram em Santos para trabalhar nas fazendas de café, muitas vezes em condições a princípio cruéis e desumanas. O episódio é bem conhecido e já foi descrito em vários livros, incluindo a obra *O Imigrante Japonês – História de sua vida no Brasil*, de Tomoo HANDA ².

A iniciativa autônoma de colonização só seria iniciada em 1913 com três núcleos no vale do Ribeira de Iguape, estendendo-se para o interior. Em Ribeira de Iguape, a empresa estatal japonesa KKKK-Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha (Companhia Ultramarina de

Empreendimentos, fusão de diversas empresas a partir de 1917) obteve a concessão de 50.000 hectares em Porto de Registro (tinha esse nome pois lá se fazia o registro do ouro garimpado em lavras nas proximidades). Nesta área a KKKK ergueu a maior usina de beneficiamento de arroz da América Latina e montou escritórios administrativos que também estavam voltados para a assistência social dos sitiantes japoneses.

Na cidade de São Paulo, os primeiros imigrantes passaram a se estabelecer a partir de 1908, segundo HANDA, que descreveu todo o processo detalhadamente em sua monografia. Há registros de que os japoneses iniciaram o cultivo sistemático de hortaliças desde 1911 em Santana e Parada de Taipas (por volta de 1910 já não existia mata virgem nos arredores paulistanos, com exceção da região da serra). Em meados de 1913, foram estabelecidas “frentes de plantio no Morumbi, que então se iniciava na parada Brooklin Paulista, da linha de bonde de Santo Amaro. Entre 1913 e 1914, dez famílias originárias de Guatarapá adquiriram 50 alqueires de terra perto de Mairiporã (então Juqueri) [...]. A ocupação da Vila Cotia, em Moinho Velho, que mais tarde iria se tornar famosa pela sua produção de batatas, se deu em 1914.”³

A imigração em Cotia e sua ligação com o bairro de Pinheiros terão importância para o crescimento do Largo de Pinheiros e para a carreira de Takeji Fujioka. Sobre isto, Handa conta que:

“Em Cotia (Moinho Velho), as primeiras famílias se instalaram em 1914 (...). Em 1927, já se contavam 80 famílias. Destas, 30 eram provenientes da província de Kochi, tanto que alguns até chamavam o lugar de Vila Kochi. Nessa época, 13 eram as famílias proprietárias e 47 as arrendatárias.

A Vila Cotia, que ficava nas proximidades, é hoje a cidade do mesmo nome e há uma estrada asfaltada que permite o acesso ao bairro de Pinheiros, em São Paulo, em 30 minutos de ônibus. Antigamente esse trajeto era feito ou a pé ou pela estação Cotia (atual Itapevi) da linha Sorocabana. Já em 1918 havia uma boa produção agrícola, conseguida através do uso de adubos. Consequia-se também uma boa matriz de batatas.”⁴

A partir de 1920, várias famílias imigrantes passam também a se estabelecer na Freguesia do Ó. Em 1921, os japoneses também passam a cultivar batatas em Barueri. Em

Itaquera, várias famílias japonesas se estabeleceram a partir de 1923-24 numa colônia agrícola, cultivando morango, tomate e pêssego. ⁵

A princípio, Takeji Fujioka e sua esposa Shizue (née Yamane, 1899-1970), levando o filho, estabeleceram-se como empregados da lavoura de café na Fazenda Santa Ernestina em Taquaritinga. O Eng. Fujioka revalidou seu diploma no Rio de Janeiro em 1935. Foi engenheiro da construtora Scott & Urner Engenharia e Construções Ltda. na Rua Barão de Itapetininga (com matriz no Rio), tendo-se tornado colaborador de confiança. Calculava estruturas de concreto utilizando o ábaco japonês *soroban*, com precisão de milímetros, para admiração dos colegas brasileiros. A entrada do Japão na guerra contra os Aliados levou à demissão em 1941. Então estabeleceu um armazém na Rua Conde de Sarzedas – onde se concentrava a colônia japonesa desde 1914-15.

Com o tempo, passou a ser conhecido na colônia japonesa como bom construtor. Projetou e construiu várias residências unifamiliares no interior paulista (Paraguaçu Paulista, Álvares Machado) e também a casa do empresário e amigo Takeo Nishikawa (1903-1996) em Marília (por volta de 1940). Nishikawa imigrou com Takeji Fujioka no mesmo navio, foi um dos sócios da importadora Casa Ono na época e mais tarde tornar-se-ia figura proeminente do Banco América do Sul. Esta pequena casa merece um comentário especial.

Não há muitas referências sobre as idéias e conceitos arquitetônicos de Takeji Fujioka e não deixou escritos. Segundo depoimento de sua sobrinha Toshi Yamane, ele procurava evitar espaços ociosos e não aprovava a perda de espaço útil ocasionado por cantos curvos. Sempre trabalhava com ângulos retos. Valorizava os jardins. Fazia explorações na mata em busca de espécies raras, como orquídeas.

Conforme podemos ver na fotografia, trata-se de uma habitação térrea, modesta, sem ornamentação. Se não fosse pelo jogo de telhados, poderia ser uma pequena casa modernista típica dos anos 20-30. A janela de canto e a delicada marquise de concreto da entrada são detalhes tipicamente wrightianos, embora também já estivessem presentes na vanguarda holandesa dos anos 30. A janela de canto possui esquadria esquematicamente similar à de Fallingwater e às casas modernistas de Warchavchik.

A janela corrida de canto foi uma ousadia que espantou o cliente e seus amigos na Marília dos anos 40, ainda pouco acostumada com o repertório moderno, segundo conta a Arqta. Ayako Nishikawa (FAUUSP, 1952-57), filha de Takeo Nishikawa, que morou na casa até 1951. Internamente, ela também se lembra da cozinha ampla e de outra novidade que chamou a atenção das visitas: a sala de estar e o jantar formavam um único ambiente – outra característica wrightiana desde as *prairie houses*. Ela também se lembrou que a fachada frontal foi revestida com uma argamassa pedriscada do tipo mica.



Casa Takeo Nishikawa em Marília (por volta de 1940), projeto e construção de Takeji Fujioka (acervo Takeji / Toshiyasu Fujioka)

A partir de 1933, quando a imigração japonesa já contava 25 anos, o núcleo imigrante japonês original da Rua Conde de Sarzedas começa a prosperar, passando a ocupar as ruas

Conselheiro Furtado, Conde do Pinhal, Tabatinguera e Irmã Simpliciana ⁶. São Paulo já contava com cerca de 2000 imigrantes na época, a maioria concentrada neste núcleo. Além disso, havia a colônia de Pinheiros, com cerca de 200 imigrantes. Em relação a Pinheiros, devemos nos estender um pouco mais em suas características, em função do papel que o bairro e a CAC-Cooperativa Agrícola de Cotia desempenhariam na carreira de Takeji Fujioka:

“(...) A Cooperativa Agrícola de Cotia, ainda em sua fase inicial, funcionava em salas alugadas e o movimento de seus cooperados ainda não era muito intenso. Os japoneses estavam localizados basicamente ao redor do largo e do mercado de Pinheiros, apesar de não constituírem um “agrupamento”, propriamente dito. No largo de Pinheiros havia, ainda, um coreto de música, que o bonde contornava para retornar ao centro da cidade. Perto do largo, à esquerda de quem vinha da cidade, havia um bebedouro para cavalos. Era uma época tranquila (...) A rua Teodoro Sampaio ainda era uma bela alameda com alenas ao longo de suas calçadas. Os ônibus ainda não tinham chegado ao bairro. As lojas dos japoneses eram mais numerosas nas ruas Pinheiros e Butantã, seguidas pela Fernão Dias. Havia algumas outras na Teodoro Sampaio, por onde passava o bonde, mas nenhuma que chamasse atenção especial. A rua Cardeal Arcoverde, que hoje pode ser chamada a rua dos japoneses em Pinheiros, não era muito procurada pelos mesmos na época, abrigando apenas o escritório da Casa K. Nakao e uma outra lojinha de comida japonesa, chegando a ser até silenciosa.

“Pinheiros também tinha de tudo, em matéria de comércio, para satisfazer as necessidades diárias dos japoneses: restaurantes, doceiras, mercearias de artigos japoneses, barbearias, casas de *tofu*, casas de lenha e carvão, fábricas de massas, e contava, desde aquela época, com a Igreja Episcopal do Brasil (*Seikokai*), que existe ainda hoje. No mercado do bairro podiam-se encontrar à venda peixes de água doce. O que se via nas duas margens do rio Pinheiros era uma vasta pradaria. Um passo fora de Pinheiros e já era interior, sendo que ainda havia numerosos agricultores japoneses no Butantã, Caxingui, Taboão da Serra e Campo Limpo. Eram tempos em que os japoneses moradores da região de Cotia vinham de caminhão para São Paulo.” ⁷

Durante muitas décadas, a imagem do Largo da Batata se confundia com a da própria CAC, fundada em 1927 e que se tornou uma das maiores cooperativas agrícolas do mundo até seu fechamento em 1994. A sede da CAC em Pinheiros começou a ser construída a

10/05/1934. A evolução da CAC foi contada por Dráuzio Leite PADILHA⁸. Takeji Fujioka também projetou e construiu instalações para a CAC.

Com o crescimento da CAC no pós-guerra, as instalações da sede logo se tornaram insuficientes. Em 1946, a CAC adquiriu um lote de 21.000m² no Jaguaré, para onde foi transferido o Departamento de Compras. Em breve, novos armazéns seriam construídos no Jaguaré, que também receberia a primeira fábrica de adubo da CAC em 1948. Uma grande fábrica de rações foi construída em 1949-54 – formando a Unidade Industrial de Fertilizantes e Armazéns de Insumo da CAC. A importância do núcleo industrial propiciou a transferência da sede da CAC-CC para o local⁹. O lote no Jaguaré estava adjacente à futura avenida e via expressa Marginal do Rio Pinheiros, a ser construída após a retificação do Rio Pinheiros. O papel do Eng. Fujioka no projeto e construção do complexo do Jaguaré será objeto da próxima fase deste levantamento.

Takeji Fujioka também acompanhava o crescimento explosivo da cidade de São Paulo desde sua chegada em 1925. Concluiu, acertadamente, que a cidade estava crescendo em direção oeste e sul, inclusive com a migração do núcleo de concentração comercial do Centro Antigo em direção à Avenida Paulista e ao Rio Pinheiros. Os sinais estavam claros desde a aprovação da Lei Municipal no. 2249 de 1927, através da qual a Companhia Light iniciou em 1928 a canalização e retificação do Rio Pinheiros, com seu leito invertido (o afluente do Tietê era formado pela junção dos rios Grande e Guarapiranga, onde foram construídas barragens).

O Rio Pinheiros seria canalizado em toda a sua extensão, inicialmente para geração de energia. Seu canal retificado foi dividido em duas secções, separadas pela Usina de Recalque. Vários afluentes foram canalizados e a imensa área de várzea sofreu diversas obras. A retificação permitiria o aproveitamento de cerca de 25.000.000m² de terrenos urbanizáveis, ocasionando a ampliação de bairros (como a Cidade Jardim), o surgimento de avenidas (como a Faria Lima e a Luis Carlos Berrini, o prolongamento da Avenida Rebouças com a Eusébio Matoso, a futura conexão Avenida Brasil e Henrique Schaumann) e a implantação da Cidade Universitária da USP, entre outros¹⁰.

O transporte público já se tornara um grande “problema urbano” nos anos 20. Eventualmente tornar-se-ia uma questão vital para o Centro nos anos 30, diante do

adensamento. Já em 1929, o Prefeito Pires do Rio encomenda a Prestes Maia o Plano de Avenidas, que influenciaria as obras viárias, as primeiras linhas de Metrô e o próprio espraiamento da cidade até os anos 80/90. Reconhecia-se a necessidade de demarcação de áreas para parques (como o futuro Ibirapuera), a canalização dos rios, as avenidas dispostas no esquema radioconcêntrico, o Metrô e a conexão hidro-rodo-ferroviária.

Com a inauguração do Viaduto do Chá em 1938, formou-se uma conexão entre a Praça do Patriarca e a Praça Ramos de Azevedo que viabilizou a expansão do centro financeiro da cidade. Os bancos, escritórios, consultórios e comércio da cidade, que concentravam-se na Rua XV de Novembro desde o final do século XIX, começam a espalhar-se. A ocupação foi acelerada e já na metade do século do século XX iniciava-se o processo de saturação do Centro Velho e Novo de São Paulo. Em 1952, com a aprovação da Lei Municipal no. 4313, a Prefeitura passa a permitir que hospitais, escolas, teatros e cinemas fossem construídas na Avenida Paulista – até então residencial. Desta forma, sinaliza-se a abertura da Avenida Paulista à ocupação comercial verticalizada.

O avanço em direção ao sul e ao oeste é reforçado no pós-guerra, com a conclusão da canalização do Rio Pinheiros e a ocupação das várzeas aterradas com loteamentos e a construção de grandes obras como o Jockey Clube e a Cidade Universitária da USP, nos anos 50. A construção do Estádio do Morumbi (de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, 1952) também serviu de chamariz para a ocupação da região além do Rio Pinheiros, que ganharia cerca de 15 pontes ¹¹.

Possivelmente a posição do novo bairro City-Alto de Pinheiros, a meio caminho tanto da sede da Cooperativa Agrícola de Cotia em Pinheiros como da Unidade Industrial de Fertilizantes e Armazéns de Insumo da CAC-Jaguapé, levou Takeji Fujioka a se interessar pelo loteamento. Os projetos e obras do engenheiro no bairro fogem ao escopo deste seminário e serão apresentados em outra comunicação, posteriormente.

Características do acervo levantado até o momento

Consiste em biblioteca e arquivos (não-organizados) em japonês, inglês e português abrangendo 40m2 de livros (48), revistas e jornais, além de 20m2 de documentos em pastas. Deste acervo, podemos destacar:

- Documentação arquitetônica e urbanística de Tokyo e outras cidades japonesas entre 1900 e 1970 na forma de cartões-postais (além de cidades brasileiras como São Paulo, Rio de Janeiro, etc.). Há 77 postais de Tokyo em preto-e-branco ou coloridos manualmente, incluindo imagens dos bairros tradicionais de Shinjuku, Asakusa, Marunouchi, Nihonbashi, Kyobashi, Ginza; além do Parque Ueno e vários edifícios públicos e religiosos.





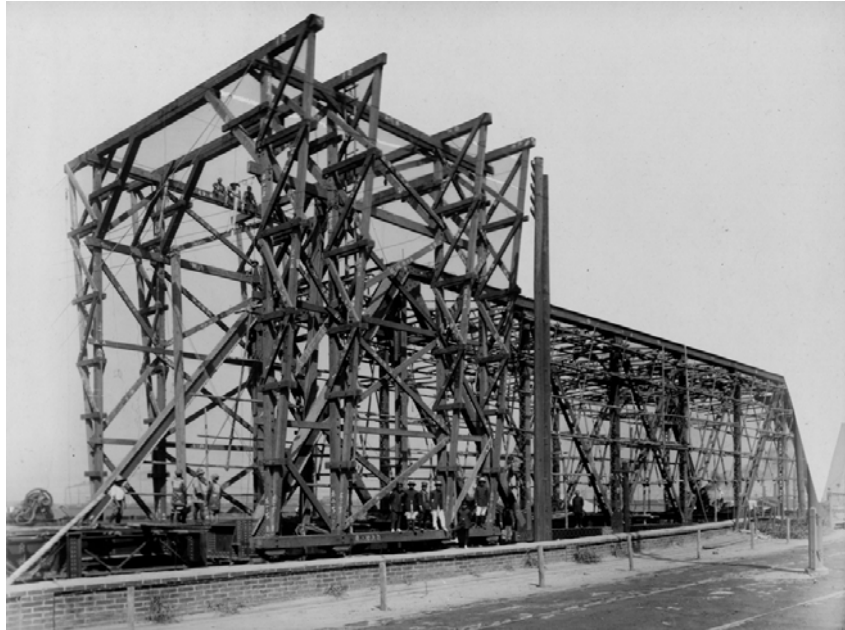
Cartões postais do bairro de Marunouchi, Tokyo, por volta de 1920, destacando-se a Estação Ferroviária Central (acervo Takeji / Toshiyasu Fujioka)

- Tratados de arquitetura e design e outros livros técnicos editados no Japão entre 1920 e 1930 (52 volumes). Este acervo japonês também é raro. Inclui dois tratados de arquitetura organizados por Yoshikuni Okuma (1877-1952), o maior arquiteto japonês do período entreguerras, ver abaixo.
- Portfolio de edifícios comerciais construídos pela Takenaka Komuten até os anos 20, nos estilos eclético, Escola de Chicago, Art-Nouveau, Art-Déco, Liberty, Sezession, Deutsche Werkbund, Wiener Werkstatte, etc. (cerca de 100 edifícios). Outra publicação raríssima, editada pela Takenaka em 1924.



Edifício institucional projetado e construído pela Takenaka Komuten, que consta do catálogo acima (acervo Takeji / Toshiyasu Fujioka)

- Fotografias de obras em construção da Takenaka Komuten no Japão na década de 1910 e 1920, em que o Eng. Takeji Fujioka atuou (cerca de 50 fotos em preto-e-branco). As fotos incluem concretagem de lajes e fundações, estruturas metálicas, estruturas de concreto, estruturas de madeira, silos, galpões, fábricas, pontes ferroviárias de aço.



Provável imagem de construção da Ferrovia Hanshin (acervo Takeji / Toshiyasu Fujioka)

- Desenhos de projeto e fotografias da construção de pavilhões, silos e galpões industriais / ferroviários da CAC-Cooperativa Agrícola de Cotia na sede e também em São Paulo (Pinheiros e Jaguaré-CEAGESP). As fotos incluem concretagem de lajes e fundações, estruturas metálicas, estruturas de concreto, estruturas de madeira, silos, galpões, prédios administrativos.



Construção de galpões da CAC (acervo Takeji / Toshiyasu Fujioka)

Nota: a foto acima é da autoria de José Moscardi

- Fotografias do cotidiano da CAC, sem indicação de data ou autoria.



- Anteprojeto, planta de prefeitura e projetos executivo das residências unifamiliares projetadas e construídas em São Paulo por Takeji Fujioka.
- Fotografias da imigração japonesa dos anos 20-50 (família e amigos – mais de 50 fotos).



Famílias Fujioka e Yamane no início do século XX (acervo Takeji / Toshiyasu Fujioka)



Takeo Yamane tocando flauta tradicional shakuhachi no início do século XX

(acervo Takeji / Toshiyasu Fujioka)

- Catálogos e instrumentos de desenho e cálculo produzidos no Japão nas décadas de 20 e 30 (jogos de compassos, escalímetros, bússola, régua de cálculo, normógrafo, estojo de caligrafia shodo etc.).



Página de catálogo de instrumentos de desenho da Tamaya
(acervo Takeji / Toshiyasu Fujioka)

Livros raros já levantados:

DAIKENCHIKU GAKUO I-II

Trad. *Grandes Estudos de Arquitetura* (vols. 1 e 2)

Autor: B.(Eng.) Shiro Mihashi, bacharel em engenharia

Tokyo: Okura Shoten Tokyo, 1923

Revisão e ampliação

Coordenador: Arqto. e Dr.(Eng.) Yoshikuni Okuma (Tokyo)

Revisores: B.(Eng.) Eikichi Kojima, B.(Eng.) Seikichi Oguchi e Eng. Arqit. Shin Yokoyama

End. editorial: Tokyo Shi-Nipponbashi-ku Toori Joho-me 19 banchi

Impresso por Toyokichi Murata – Companhia Impressora Okura

(Tokyo-shi Kyobashi-ku – Shin Sakae-cho, Gocho-me 7 banchi)

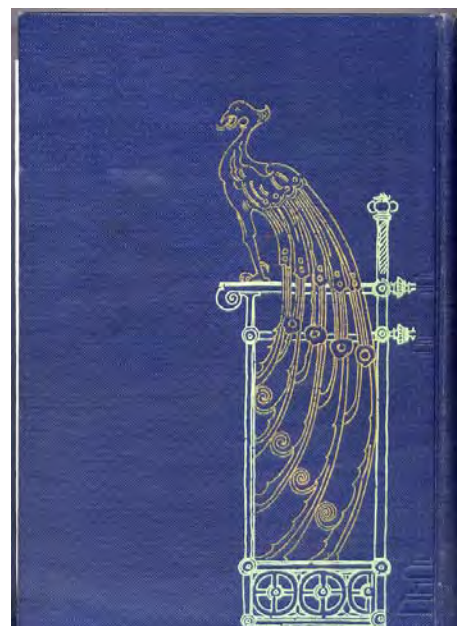
Publicado a 22/04/1923, revisado e ampliado a 17/04/1923

Nota: Yoshikuni Okuma (1877-1952) foi *Kenchikugakusha* (Grande Arquiteto, título imperial) de Tokyo, referência enciclopédica, projetou a sede da Dieta (Parlamento) e o Ministério da Educação (Mombusho).

- Escrito em japonês antigo, anterior à reforma gramatical dos anos 50 (prov. 1920s).
- Quantidade total de itens: 2 volumes.

Volume 1: História da Arquitetura do Oriente e do Ocidente – Estilos do Eclétismo – Técnicas de desenho técnico e geometria.

Volume 2: Construção tradicional japonesa e moderna ocidental – noções de cálculo estrutural – ornamentos – detalhes.



Página de rosto e capa do *Daikenchiku Gaku*, de Okuma.

SOKURYO GAKU KOOGI

Trad. *Preleções sobre o Curso de Topografia ou Agrimensura - Teoria Prática (5ª edição) Vol. 1*

Autor: Prof. B.(Eng) Suetaro Sakaoka

Tokyo: (Shoshi?) Shioka-bu, 1909 (ed. orig. 1903)

Universidade Imperial de Tohoku – Escola de Agronomia

Suetaro Sakaoka, Prof. da Engenharia Civil

Editor: Heisaku Yoshino

End. Editorial Tokyo-shi – Nipponbashi-ku Hongoku-cho, Jitsuken dana Hachiban chi.

Impressão: 11/11/1903 Publicação: 15/11/1903 5ª edição: 15/07/1909

Nota: Dedicatória indica que foi recebido como presente de uma pessoa, de assinatura de difícil legibilidade.

COLEÇÃO FOTOGRAFIAS SOBRE ARQUITETURA

Organização e edição: Sociedade e Editora da Série *Coleção de Fotografias de Arquitetura*

Tokyo: Koyosha - Sociedade-Editora da Coleção de Fotografias de Arquitetura, 1924-26

Sociedade-Editora da Coleção de Fotografias de Arquitetura

Tokyo – Ushigome-ku, Ichiya-Icho 10 banchi

Representante: Yoshitaro Takanashi

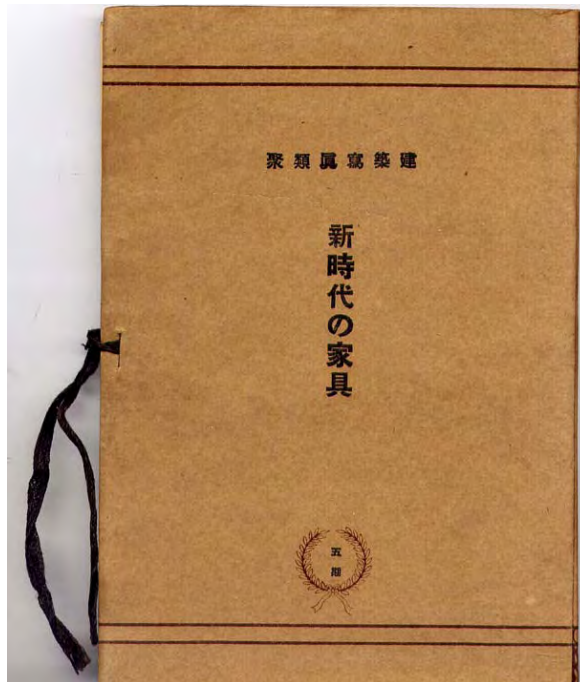
Impressão: Koyosha – Secção de Impressão de Fotografias

Tokyo - Ushigome-ku, Ichiya-Icho 10 banchi

- Escrito em japonês antigo, anterior à reforma gramatical dos anos 50 (prov. 1920s).
- Quantidade total de itens: 46 volumes 19,0 x 13,5 cm.

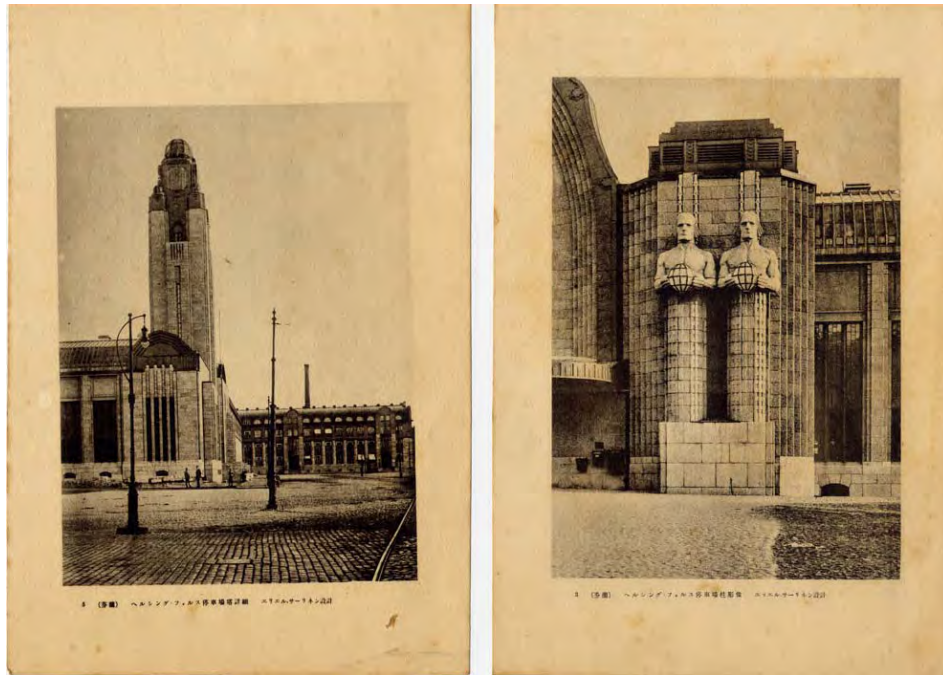
Alguns temas abordados (em fotos, desenhos técnicos, perspectivas):

Residências unifamiliares japonesas	Terminais ferroviários
Residências unifamiliares ocidentais	Bancos, escritórios, edifícios públicos
Hospitais	Monumentos comemorativos
Bibliotecas	Mobiliário residencial e comercial/
Escolas e universidades	Ornamentação e detalhes
Teatros e cinemas	Prédios de apartamentos
Vares, cafés, restaurantes	Portões e gradis
Lojas e depósitos	Arquitetura funerária



Exemplar de monografia da Koyosha (acervo Takeji / Toshiyasu Fujioka)





Estação Ferroviária de Helsinki, projetada por Eiel Saarinen, em monografia da Koyosha
(acervo Takeji / Toshiyasu Fujioka)

Considerações finais

A biblioteca técnica apresenta mais de 50 volumes sobre engenharia e arquitetura, publicados no Japão no início do século XX. No levantamento desta biblioteca e dos arquivos, encontramos evidências de que o Eng. Takeji Fujioka tinha conhecimento da obra de Frank Lloyd Wright, e que, até certo ponto, seus projetos possuíram de fato algumas características nitidamente wrightianas.

Esta documentação também leva-nos a crer que imigrantes japoneses em São Paulo, formados em engenharia e arquitetura, já conheciam a obra de Wright desde os anos 20, projetando e construindo obras para firmas de imigrantes nas colônias japonesas agrícolas do interior do Estado de São Paulo, a partir dos anos 30 (como a CAC).

A sutil presença organicista nos projetos residenciais de Takeji Fujioka também pode ser parcialmente explicada pela sua origem japonesa – quando lembramos que Wright também foi influenciado pela arte e arquitetura japonesa. As fontes e as referências seriam as mesmas. Mas a janela de canto é um artifício wrightiano original, sem dúvida. Wright

concebeu a *corner window* com o objetivo de aproveitar um espaço “morto”, ampliar a relação interior-exterior e ao mesmo tempo fazer uma declaração eloquente – na forma de um virtuosismo formal, uma acrobacia estrutural para a época – das inúmeras possibilidades oferecidas por uma nova técnica: o concreto armado.

Para um entusiasta do concreto armado como Takeji Fujioka, seria natural que também gostasse de exibir, com a janela de canto da Residência Nishikawa, a surpreendente capacidade do concreto armado.

Além disso, encontramos publicações técnicas japonesas dos anos 1920, com projetos de Wright e de outros arquitetos modernos ou proto-modernos, na biblioteca de Takeji Fujioka. Este material demonstra seu conhecimento das vanguardas modernas da época, particularmente no Japão.

Como vimos acima, estes projetos modernos foram publicados em brochuras de uma coleção ilustrada sobre tipologias arquitetônicas, editada pela Koyosha – “Sociedade-Editora da Coleção de Fotografias de Arquitetura”, Tokyo, nos anos 1920. Este material possui considerável interesse historiográfico, dada a falta de referências no Brasil sobre a História da Arquitetura Moderna Japonesa do pré-guerra. Mesmo no Japão, esta iconografia é rara.

De fato, para muitos, a arquitetura moderna teria começado no Japão após a II Guerra Mundial, com a formação da vertente japonesa do Movimento Moderno, liderada por Kenzo Tange (1913-2005), Yoshiro Taniguchi (1904-1979), Junzo Yoshimura (1908-1995), Junzo Sakakura (1901-1969) e Kunio Mayekawa (1905-1986). Apesar de ser considerada uma das três únicas vertentes regionais que incorporaram as tradições do passado – junto com o México e o Brasil – no início caracterizou-se pela influência bauhausiana e corbusiana. Wright, apesar do impacto provocado pelo Hotel Imperial em 1923, foi esquecido. Até recentemente os pioneiros modernos japoneses do pré-guerra permaneceram em grande parte esquecidos no Ocidente, e mesmo no Japão não há muitas referências sobre eles.

Junzo Sakakura visitou o Brasil em 1951, como membro do júri da Exposição Internacional de Arquitetura da I Bienal de Artes de São Paulo, junto com Siegfried Gideion, Eduardo Kneese de Mello, Mario Pani e Francisco Beck. Kenzo Tange também visitou São Paulo para IV Bienal (1957), como membro do Júri da EIA, junto com Mies van der Rohe,

Marcel Breuer, Philip Johnson, Mario Henrique Glicério Torres, Eduardo Kneese de Mello, Plínio Croce e Francisco Beck. Tange ainda voltaria ao Brasil na década de 1980.

Kenneth FRAMPTON ¹², destacou que o advento do International Style no Japão remonta a 1923, com a construção da primeira casa em concreto armado do país, a Residência Antonin Raymond em Reinanzaka, Tokyo. Raymond (1888-1976) foi o colaborador de Wright na obra do Hotel Imperial e permaneceu no Japão. “Como no caso das carreiras de Neutra e Schindler nos Estados Unidos, o estilo surgiu das mãos de um arquiteto da Europa Central que fora formalmente educado na Europa e depois complementara sua educação com Wright.” ¹³ FRAMPTON também destaca que os primeiros modernistas japoneses formaram-se ao redor de um grupo inspirado na Sezession, ainda nos anos 20. Yoshimura e Mayekawa trabalharam com Raymond. Mayekawa também trabalhou com Le Corbusier, junto com Sakakura. Outros estudaram na Bauhaus. Além destes, Frampton também cita Renschiro Kawakita, Mamoru Yamada, Tetsuro Yoshida e Isoya Yoshida (nos anos 20-30).

Entretanto, Frampton não menciona o papel desbravador dos pioneiros do Movimento Moderno no Japão do pré-guerra. O mesmo acontece com outros autores. Neste contexto, ganha relevo a documentação existente no acervo Takeji / Toshiyasu Fujioka.

Por fim, há necessidade de preservação e exposição permanente do acervo de Takeji Fujioka, cuja exata dimensão e alcance ainda está em levantamento. Esperamos que, nos próximos dois anos, estejam concluídas as etapas de organização, catalogação, preservação e arquivamento desta coleção, com um adequado aporte de recursos de pesquisa.

Referências bibliográficas

1. MEECH, Julia. **Frank Lloyd Wright and the Art of Japan – The architect’s other passion**. Nova York: Japan Society / Harry N. Abrams, 2001.
2. HANDA, Tomoo. **O Imigrante Japonês – História de sua vida no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor e Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

3. HANDA, 1987, p. 399-400.

4. HANDA, 1987, p. 407.

5. HANDA, 1987, p. 407.

6. HANDA, 1987, p. 575-576.

7. HANDA, 1987, p. 590-591.

8. PADILHA Dráuzio Leite. **CAC, Cooperativismo que deu certo.** São Paulo: CAC-Cooperativa Central, 1989.

9. PADILHA, 1989, p.114 e p. 216-217.

10. FUJIOKA, Paulo Y. **O Edifício Itália e a arquitetura dos edifícios de escritórios em São Paulo.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAUUSP, 1996, p. 40-50.

11. FUJIOKA, Paulo Y. **Princípios da Arquitetura Organicista de Frank Lloyd wrioght e suas influências na Arquitetura Moderna Paulistana.** Tese de Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 2003, p. 172-174.

12. FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

13. FRAMPTON, 1991, p. 314.